

TEXTOS

(Sugestões para seminários)

ENTRE OS BOTOCUDOS (SAINT-HILAIRE)

Os botocudos passam a vida nas florestas, sem habitação fixa, sem nenhum traço de religião, sem normas de vida a não ser um pequeno número de costumes que os pais transmitem aos filhos. Não cultivam a terra e reduzem sua indústria à construção de alguns grosseiros objetos de barro, pequenos sacos de fios, arcos e flechas. A caça é sua única ocupação; mas aquele que mata uma caça, divide-a com seus companheiros e não come senão sua parte. Pintam o corpo de negro e vermelho; mas não usam roupa alguma e quando se dá a uma mulher um pedaço de pano, ela não pensa senão em cobrir a cabeça. Quando uma criança atinge a idade de oito a doze anos, furam-lhe as orelhas e o lábio inferior; passa-se um pedaço de bambu no orifício que se abriu e, dentro em pouco é ele substituído por um disco de madeira leve; pouco a pouco, dá-se a estes discos uma dimensão maior; entre os adultos têm eles uma e meia a duas polegadas de diâmetro.

Os botocudos têm apenas uma mulher de cada vez, mas admitem o divórcio; e quando um dos consortes surpreende o outro em adultério, tem o direito de lhe fazer nos braços longas incisões, punição que o culpado recebe sem murmurar. Quando estes índios são tomados por alguma paixão, quando desejam exprimir o descontentamento e o reconhecimento, agitam suas flechas; sua fisionomia se anima; calam-se, cantam e misturam às inflexões monótonas e nasais o barulho das vozes horrorosas.

Muitos cientistas pensam que os indígenas americanos não formavam uma raça distinta; os botocudos geralmente quase brancos, semelham-se mais ainda à raça mongol que os outros índios; quando o

rapaz desta tribo que me acompanhou nas viagens, viu pela primeira vez os chineses no Rio de Janeiro, designou-os como seus tios; e o canto deste último povo é realmente o dos botocudos, porém extremamente mais suave.

(**Bosquejo de minhas viagens ao Brasil e Paraguai.** Trad. Edgar Kuhlmann. em "Boletim Geográfico", nº 80, pp. 855-856. Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Geografia, nov. de 1949).

NORMAS DE BOM GOVERNO (TÁCITO)

Em todo o tempo as nações ou as cidades têm sido governadas ou pelo povo, ou pelos nobres, ou por um só imperante; porque uma República, constituída com estes três diferentes poderes escolhidos e unidos, dificilmente poderia existir; e quando existisse não é natural que sua duração fosse longa. Por este motivo assim como nos tempos antigos, quando o governo era popular, ou era patriciano ou aristocrático, se julgava necessário conhecer o caráter do povo e os meios de moderar a sua efervescência, e então passaram também por mui hábeis e sagazes os que se aplicaram com cuidado a estudar o espírito do senado e dos grandes; assim igualmente agora que tudo está mudado, e que temos só um príncipe que governa, não me pareceu fora de propósito indagar e escrever estas coisas.

Há sempre poucos que sejam capazes de distinguir por si mesmos o que é bom do que é mau, ou o que é útil do que é prejudicial; e a maior parte da gente precisa para se instruir de exemplos alheios: apesar disto, também sei que quanto mais instrutivos são estes objetos menos devem agradar. A descrição dos diferentes povos e dos diferentes países prendem e levam as atenções dos leitores; mas eu não posso nem tenho para contar senão ordens e decretos atrozes, acusações continuadas, pérfidas violações de amizade, ruína e desgraça de muitos inocentes; e ao mesmo tempo quais foram as suas causas, objetos estes que, por serem quase em tudo semelhantes, chegam por fim a enfastiar.

(**Anais, XXXIII.** Trad. de J.L. Freire de Carvalho, p. 172. Rio de Janeiro, 1964, Clássicos Jackson, v. 25).